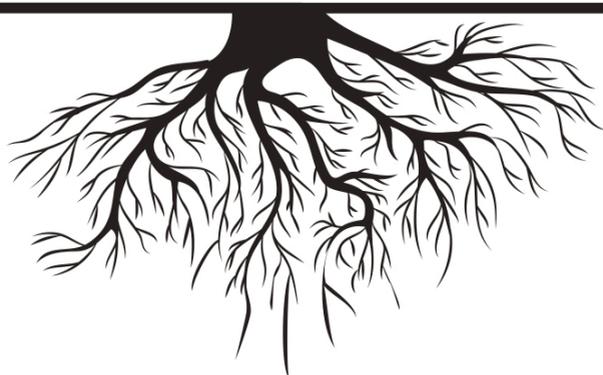


HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Organizadora
Suzana Trevisan

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas 

1ª edição

Sapucaia do Sul, RS, V.5, N.2
Novembro de 2018

Expediente

Diretor-Geral Câmpus Sapucaia do Sul
Mack Léo Pedroso

Diretor-adjunto
Carlos Alexandre Wurzel

Chefe do Departamento de Ensino
Fábio Roberto Moraes Lemes

Coordenador do Curso Técnico em Administração
Guilherme Reichwald Jr.

Coordenadora do projeto #Histórias
Suzana Trevisan

Projeto gráfico e diagramação
Ethiane Lucas Martins
Guilherme Silva dos Santos
Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade
Semestral

Impressão
Coordenadoria de Produção e Editoração Gráfica - IFSul
Câmpus Pelotas

#Histórias que merecem ser contadas
Sapucaia do Sul, RS, Outubro de 2018
V.5, N.2, 2018



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Avenida Copacabana, 100, bairro Piratini
www.sapucaia.ifsul.edu.br

Sumário

- 7 Apresentação | Suzana Trevisan
- 9 As mulheres da minha vida | Adriana dos Santos Celistre
- 10 Aquele sorriso lindo | Aline Carpinski
- 12 Momento difícil | Ana Paula Souza Barboza
- 15 Meu recomeço | Chirlei Rosa de Souza Azeredo
- 17 Eterna mãe | David Elemar Mariani Antunes
- 18 Um anjo em meu caminho | Denise Caroline Doerre de Oliveira
- 23 Batalha vencida | Elisângela Rodrigues do Prado
- 28 Um novo começo | Erica Suelen da Silva dos Santos
- 30 Êxtase | Everton Santos
- 32 A morte de Paca | Janete Carmen Gonçalves
- 34 Sempre juntos | Junior Corrêa Costa
- 35 Mãe especial do Kauê Gustavo | Lidiane de Moura dos Santos
- 36 Valentia não é sinal de coragem | Lizélia Gonçalves Gomes
- 38 Realização de um sonho | Luciana Lemos
- 41 Minha família, minha maior bênção | Magda Cristina Mariano do Nascimento
- 42 Eu tive uma nova chance | Maria Regina Leal
- 44 Sete mulheres | Melina Rohers Pinheiro
- 46 Meu sonho | Patricia Tiele Oliveira Dias
- 48 Quando troquei o ponto final por uma vírgula | Renato De Souza Pinho
- 50 Quarteto Fantástico | Ricardo Freitas dos Santos
- 51 Saudosa Maria | Shaiene Daltoé

Apresentação

Com Ofertas de Aninha (Cora Coralina)

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências
do presente.
Aprendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

Prezada leitora e leitor,

Cora Coralina (poetisa, contista e uma das vozes femininas mais importantes da literatura brasileira) falava em amar a vida e de não desistir da luta... Nesse sentido, mulheres e homens da turma 4F, estudantes do Curso Técnico em Administração, narram suas histórias que merecem ser contadas. Querem ter voz, ensinar, emocionar, provocar reflexão... Querem ter o seu conhecimento reconhecido e, nesse espaço, conquistam esse direito.

O projeto Histórias que Merecem ser contadas é uma iniciativa desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, campus Sapucaia do Sul/RS. Através da narrativa de um episódio significativo de suas vidas, as alunas e os alunos constroem textos que são reunidos neste livro e concretizam as palavras do mestre Paulo Freire: ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.

Não tenho dúvidas de que esse projeto incentiva a leitura, valoriza as experiências e saberes dos estudantes da EJA, aprimora as habilidades linguísticas de escrita e leitura dos autores e aproxima a comunidade do Instituto. Além disso, edifica o esforço de construirmos, através da prática educativa, uma sociedade mais equânime e humanizadora. Desejo-te uma leitura significativa e uma excelente experiência literária!

Professora Suzana Trevisan

As mulheres da minha vida

Adriana dos Santos Celistre

Eu gostaria de falar sobre as mulheres da minha vida: minha mãe, avó e tias. Venho falar dessas mulheres humildes, fortes e guerreiras porque eu tive a felicidade de conviver com elas. Minha avó, assim como a minha mãe e suas irmãs, vieram do interior para a cidade a procura de emprego. Muitas, sem ter concluído os estudos, mas com a cara e a coragem, foram à luta: o que desejavam era um bom emprego.

Minha avó era dona de casa, minha mãe foi empregada doméstica por muitos anos e o mesmo aconteceu com minhas tias. Com o passar do tempo, já com outro emprego na área das indústrias, deixaram de ser empregadas. Alguns anos se passaram, minha mãe e suas irmãs, já algumas casadas e com filhos, foram viver suas vidas. Duas tias não casaram e moravam com os meus avôs, cuidavam deles e sustentavam a casa.

Meu avô, já bem velhinho, ficou doente e logo veio a falecer. Não demorou muita minha avó ficou doente também. Inconformada com a morte do meu avô, teve esclerose múltipla. Não conhecia ninguém e não sabia mais se virar sozinha, até que num certo dia veio a falecer. Aquela casa tão grande de repente ficou tão vazia. Uma casa que vivia sempre cheia de gente alegre e hoje só as duas vivem lá. Uma delas está doente com a doença mal de Parkinson. Como pode uma vida assim, de mulheres tão fortes e ao mesmo tempo tão fracas, serem esquecidas pelo tempo?

Aquele sorriso lindo

Aline Carpinski

Quando penso nele, lembro daquele sorriso, um sorriso grande com espaço entre os dentes, mas posso garantir que era o sorriso mais lindo que já vi. Ele veio me dar as boas-vindas no setor onde ele trabalhava e eu iria começar. Na hora, senti algo diferente olhando para aquele homem alto, moreno, forte e tão simpático, mas, no começo, tentei esconder o que estava sentindo, até porque ainda era casada.

Eu vivia em um relacionamento de 14 anos que vinha dia após dia se desgastando, eram muitas brigas e ofensas, sofria demais, mas acabei encontrando motivos para sorrir. Quando chegava na empresa, havia algo que me deixava muito feliz, minha felicidade era completa, porque tinha alguém que me entendia, com quem podia dividir angústias, meus medos. Ele sempre tinha umas palavras de carinho, uma saída para minhas tristezas.

Com o tempo, ele foi me deixando forte, me fazendo sentir uma mulher determinada. Resgatou minha autoestima e acabei criando coragem para tomar a maior e melhor decisão da minha vida: acabar com aquele relacionamento de brigas e tristezas. Como toda separação não é nada fácil, a minha não foi diferente. Passei por turbulências e ele sempre do meu lado me fortalecimento e me apoiando.

Um certo dia, ele me desafiou a voltar a estudar e como Deus coloca a bênção em nossa vida na hora certa, fiquei sabendo das inscrições do curso de Administração no Ifsul através da minha prima Dani. Foi interessante como fui estudar administração em um momento da vida em que precisava controlar e administrar uma nova fase, quando iria ressuscitar sonhos que haviam ficado enterrados no passado.

Lembro como se fosse hoje, eu chegando na sala do MEU SORRISO LINDO com a notícia que tinha feito a inscrição do curso. Como não podia ser diferente, ele vibrou comigo e falou “Vai dar tudo certo e tua vida vai mudar”. Como ele sempre tinha razão, mudou mesmo e para melhor.

Então, chegou o dia da redação e estava muito ansiosa e ele, como sempre, me acalmou com seu jeito carinhoso de cuidar, dizendo que era para eu ir com fé que eu era capaz. Enfim, fui selecionada. Que felicidade! Dou um doce para quem acertar quem foi a primeira pessoa a saber? Lógico que foi MEU SORRISO LINDO.

Até hoje, tudo que vou fazer, falo antes com ele. Escuto sua opinião e seus puxões de orelha e posso afirmar que tudo de bom que tem acontecido em minha vida tem a participação dele. E hoje já são 3 anos de carinho, cumplicidade e uma amizade verdadeira que levarei por toda vida.

Agradeço todos os dias a Deus por colocar em minha vida pessoas especiais, como minha prima Denise, que caminha ao meu lado para conquistar este sonho de concluir meu curso; meu filho, pela paciência de muitas vezes não estar com ele; meus pais e principalmente a MEU SORRISO LINDO que é o protagonista da nova história da minha vida.

Momento difícil

Ana Paula Souza Barboza



Estava eu e uma amiga no intervalo do serviço, em um salão ali perto, fazendo as sobrancelhas, quando meu celular toca. É nesse instante que se inicia minha história... Era minha mãe dizendo que estava grávida: “Grávida? como assim?”. Naquele instante, meu coração disparou, a alegria tomou conta do meu ser, até parecia que seria eu a mãe da história.

Minha mãe precisava fazer cirurgia em um de seus pés para a retirada de um calo que a prejudicava. Foram

muitas idas ao hospital, pois ela precisava de um acompanhamento médico antes da cirurgia. Na última consulta, o médico precisava fazer um teste de gravidez antes de receitar um medicamento que seria muito forte e prejudicaria muito caso ela estivesse grávida. Foi então que veio a surpresa, o exame deu positivo. A família iria aumentar, foi um susto para todos nós, pois não esperávamos. O médico disse a ela que não poderia tomar o remédio e que o tratamento seria suspenso, pois ela seria mamãe. Não consigo imaginar tamanho susto e, ao mesmo tempo, alegria que ela sentiu naquele momento.

Começaram, então, os planos e preparativos para a chegada do (a) mais novo (a) integrante da família. Foram dias e semanas de ansiedade, até que chegou o dia do primeiro ultrassom. Minha felicidade era tão grande que não me permitiu faltar nesse dia tão esperado e especial: entramos no consultório médico e começou o momento mais difícil. O médico passava por diversas vezes o “tal” aparelho

na barriga da minha mãe, mas não nos dava nenhum retorno. O silêncio tomou conta daquele consultório por uns bons minutos e aquilo já estava nos preocupando, até que ele começou a falar. O proceder da conversa não era o que estávamos esperando. Com o coração na mão, a emoção de estar prestes a ouvir o coraçãozinho pela primeira vez escorria pelos olhos, até o momento em que o médico disse que não estava vendo o bebê, que mesmo que o resultado de exame de gravidez tivesse dado positivo, infelizmente não era gravidez.

Nesse instante, meu corpo todo amoleceu, minhas lágrimas tomaram força, mas dessa vez não era de emoção. Minha mãe, na hora, travou, ficou sem reação, pois não sabíamos o que estava acontecendo. Enfim, o médico tentou explicar algumas possibilidades do que poderia ser... eu nem estava mais prestando atenção, já tinha perdido o foco, eu nem estava mais em mim. Então, o médico pediu uma porção de exames e, ao chegar em casa, contamos para a família. Tivemos que nos desfazer de todas as coisinhas de bebê que já tínhamos ganhado sem mesmo saber o sexo. Com certeza, pra mim, foi um dos piores momentos, já para minha mãe foi tudo muito mais complicado, pois ela sofreu muito emocionalmente: passou por vários tipos de exames, curetagem, acompanhamento médico, enfim, foi um momento bem difícil pra ela e todos nós.

Com o resultado dos exames, a cada consulta, era um diagnóstico diferente, pois nem os próprios médicos ainda sabiam o que realmente ela tinha, até que depois de alguns diagnósticos (alguns até “assustadores”) ela foi encaminhada para Santa Casa em Porto Alegre. Lá, ela conheceu a Doutora Elza, uma médica maravilhosa que foi essencial e que deu todo o suporte naquele momento. A Dra Elza pegou minha mãe para conversar, e nessa conversa explicou pra ela e meu pai (pois ele a acompanhava em tudo) que o verdadeiro diagnóstico era uma rara complicação na gravidez, chamada gravidez molar (também designada como doença trofoblástica gestacional, ou ainda mola hidratiforme). Ela leva ao aborto espontâneo, falou também que mais ou menos 1 em cada 1000 mulheres eram diagnosticadas com a gravidez

molar.

Quando a gravidez molar é diagnosticada, a paciente precisa passar por um tratamento longo e muito cuidadoso, pois algumas mulheres, mesmo após a curetagem, podem permanecer com células do embrião dentro do útero e estas podem virar um câncer, explicava a doutora. Mas, graças a Deus, o tratamento foi um sucesso, não teve nenhuma complicação. O tratamento foi de um ano, não a prejudicou em nada e, caso ela quisesse, poderia tentar uma próxima gestação.

Agradeço muito a Deus pela vida e a saúde da minha mãe e essa é a minha história que merece ser contada, por ser uma história rara, de superação, e que mexeu demais comigo e com a minha família.



Chirlei Rosa de Souza Azeredo

Sempre fui muito arteira e gostava de brincar, eu tinha várias tarefas a fazer antes de brincar, sabe como é filha mais velha... Não gostava nada de estudar e achava que era perda de tempo. Com isso, os anos se passaram e eu parei de estudar na sexta série.

Com meus dezoito anos, fiquei grávida da minha filha Bianca. Continuei a trabalhar e, com uma filha, seria impossível voltar

a estudar, pois ela ocupava todo o meu tempo. Conheci o meu marido e, após um mês, fomos morar juntos. Após um ano de casada, engravidei do meu segundo filho, Patrick.

A renda da família era muito baixa para pagar aluguel e sustentar dois filhos. Meu marido resolveu voltar a estudar, mas eu novamente fiquei. Trabalhava de dia e a noite cuidava das crianças. Quando o Patrick tinha quatro anos e meio, engravidei do meu terceiro filho, Andrews. Eu não me arrependi de ter me dedicado o meu tempo para minha família.

Fui trabalhar na escola Walmir Martins é lá conheci a Rosana. Num belo dia, nós estávamos limpando e ela me falou “Chirlei, vamos mudar de vida? Nós somos capazes e temos que voltar a estudar”. Foi aí que tudo teve um recomeço na minha vida, mas como eu não tive muito interesse de voltar, a Rosana foi quem ligou para a escola Julio Strother. Ela viu o dia da matrícula, então eu retornei e concluí o ensino fundamental. Me formei em um ano e meio. No dia da minha formatura, fiquei muito emocionada e chorei muito, pois havia concluído uma etapa na minha vida que eu achava que jamais seria possível de acontecer comigo.

Então, chegou o dia da inscrição para fazer a reda-

ção no IFSUL. Eu pensei: “talvez eu faça no dia seguinte”. Chegando ao meu trabalho, relatei pra professora Fernanda (que havia me dado aula de inglês no Julio strolher). Ela me falou: “tu vai fazer, né?”. Eu respondi: “ainda não sei”. Os dias se passaram e eu, no último dia, fiz a minha inscrição. Contei a Fernanda e pedi ajuda para fazer uma redação. Ela sem dúvida me ajudou

Chegando o dia de ir fazer a redação, eu estava muito nervosa e ansiosa. Chegando no IFSUL, me deparei com tantas pessoas... o resultado iria sair dali a duas semanas, eu não tinha esperança de passar, mas ao mesmo tempo, pensava que iria conseguir em uma escola técnica. Eu precisava mostrar pra mim e pra muitos que eu era capaz de vencer, pois sempre fui tratada como a brigona da família, aquela que nasceu só para ter filhos e nada mais.

E aqui estou escrevendo histórias que merecem ser contadas, pois quando assisti a entrega desse livro, comecei a imaginar o que iria contar sobre a minha história. Esse livro irei guardar para que um dia eu possa contar para meus netos, quem sabe até para meus bisnetos.

Na escola onde trabalhei, os professores sempre me incentivaram muito. Tivemos um almoço especial e lembro que a professora Luciana Tedesco me falou: “aquí todos estão apostando em ti, então estuda e mostra que tu é capaz sim”.

Meus filhos e meu marido me apoiam. Às vezes, quando não sei alguma coisa de informática grito:”Patrick, ajuda a mãe”. Ele me responde “Lê e vai que tu consegue”. Tenho que rir, pois meu filho me ajuda e é bonito e especial para mim. Estou amando estudar no IFSUL. Aprendo, não aprendo, corro atrás ,tento fazer...enfim, estou lutando pelo meu sonho de ser professora do pré. Não podemos deixar pra trás nossos sonhos, pois muitos obstáculos virão, mas se lutarmos nós vamos ser mais que vencedores.

Só em pensar que agora só falta um ano para terminar o curso, sei que vou sentir falta da turma que é muito importante para mim. Tem alguns que me identifico mais, outros menos, mas tudo isso faz parte. Agradeço a Deus pois ele é quem nós capacita e nos torna grandes vencedores.

David Elemar Mariani Antunes



Existe um provérbio que diz: “Deus sabia que não poderia estar em todos os lugares, então criou as mães”. A perda de minha mãe ainda é muito recente, ela faleceu no dia 05 de fevereiro de 2018, após sofrer por longos 74 dias na cama de um hospital. Foi lá que todas as noites eu, meu pai e meu irmão nos revessávamos para poder cuidar dela: foi uma trajetória dolorosa,

tanto para ela, quanto para nós.

Hoje, quando olho para trás e vejo os erros que cometi posso também ouvir a voz de minha mãe me falando: “Calma que vai dar tudo certo, é só ter paciência”, como quando eu pedia conselhos e ajuda para resolver meus problemas, ou quando ela dizia: “Acho melhor tu não fazer isto”. Nem sempre ouvi seus conselhos, mas os erros também fazem parte do nosso crescimento.

Lembro da voz firme de minha mãe que brigava comigo porque queria me ver no caminho certo. Também lembro da voz carinhosa dela quando me dava conselhos, o silêncio de quando ela não estava por perto e tudo que eu mais queria era ouvir novamente sua voz.

Foi com ela que aprendi a viver e amar e tudo que eu tenho de melhor em mim é graças ao seu carinho, amor e dedicação. Eu queria ter agradecido por me fazer sorrir e chorar, por me fazer crescer e me encontrar.

Por toda minha vida, sua voz e as suas palavras vão fazer eco na minha consciência e ficarão gravadas para sempre em minha alma e em todo meu coração. E quando meus dias na terra acabarem e o meu último pensamento passar pela minha cabeça, será nela que irei pensar, na minha Eterna MÃE.

Um anjo em meu caminho

Denise Caroline Doerre de Oliveira

Antes de tudo acontecer nos tornamos amigos, ele era primo do meu ex. Lembro que ele ia na minha casa e ficávamos lá na frente, e com o tempo fomos nos aproximando e comecei a pensar nele de uma forma diferente, notei que estava rolando algo da parte dele. Conversei com minha irmã sobre o assunto e ela me deu todo apoio.

Quando ele me ligava, conversávamos por horas e uma tarde me convidou pra dar uma volta, era final de semana. Fomos parar em um posto pra conversar, quando ele veio em minha direção querendo me beijar. Hesitei no primeiro momento, mas não resisti ao charme. Lembro que foi como cena de novela, lindo. Ele me olhando e vindo na direção da minha boca e nos beijamos. Eu não sabia, mas ali ele já havia me ganhado.

Então, começamos a nos ver todos os dias e não conseguíamos ficar longe um do outro ou sem nos ligar, era muito boa sua companhia. Ele era um cara empreendedor, tinha uma vida estável e me proporcionava as melhores diversões. Lembro que me buscava todas as tarde pra irmos pra um rio que tem em Nova Santa Rita, rio Morretes, pra andar de jet ski. Era muito legal, abraçava nele e andávamos pelas águas sem medo algum, confiava nele e ao lado dele eu me realizava. Achamos um lugar nas margens do rio que se tornou o nosso lugar, sempre que íamos para o rio ficávamos lá.

Na época, eu tinha 18 anos e ele 35, sempre gostei de caras mais maduros e com ele não foi diferente, mas eu não estava bem na época. Eu e minha mãe brigávamos muito, não aceitava o novo parceiro que ela havia arrumado, uma pessoa falsa que era sustentado por ela. Eu estudava e minha mãe vivia bêbada, chegava em casa e era sempre uma briga. Seu parceiro adorava colocá-la contra seus filhos e um dia cheguei em casa da escola e ela disse: “onde você andava? Porque não chegou mais cedo? Estava na rua, né?”. Ela nunca acreditou que eu vinha da escola e gritava dizendo

que era mentira. Eu já não aguentava mais aquela situação, minha irmã aos 16 anos já tinha saído de casa, casou cedo pra poder ter uma vida mais tranquila, uma vida normal, porque depois que nosso pai faleceu, tudo mudou, tudo ficou difícil.

Então naquela noite saí de casa chorando e fui pra rua, fiquei sentada na parada de ônibus, era tarde da noite e eu estava muito mal. Não queria mais voltar para aquele lugar onde não tinha mais paz, então resolvi ligar para o Paulo. Na mesma hora ele me atendeu, pedi pra ele me pegar ali. Ele veio e passamos a noite juntos, lembro que ele me abraçou e me tranquilizou. No outro dia, ele disse que me tiraria daquela vida, fomos atrás de casa para alugar e encontramos, ali começou minha felicidade.

Comecei a ver ele com outros olhos, pensava no que ele havia feito por mim. Lembro que ele disse que me tiraria de lá, mas a única coisa que queria era que eu o respeitasse. Foi o que fiz: ele era dedicado, vinha me ver todos os dias, me levava pra passear em cinema, parques, restaurantes, passava maior parte do seu tempo comigo. Ele era casado, mas nunca veio com aquela conversinha de que vivia num casamento falido e blá blá blá. Dizia somente que tinha uma relação diferente e pra mim naquele momento não fazia diferença. Aos poucos fui conhecendo ele, um cara de bom coração, não só comigo mas com muitos a sua volta, ajudava as pessoas de sua família.

Anos se passaram e nós estávamos cada vez melhor juntos, me fazia feliz. Uma noite ele chegou dizendo que ia viajar pra São Paulo, ficaria por lá alguns dias. Ele tinha negócios por lá. Então, abracei ele forte e chorei. Ali percebi que o amava, porque ele não estaria comigo pra acordar e tomar o café da manhã ou almoçar comigo e tirar o soninho da tarde, porque era assim: ele passava maior parte do seu dia comigo.

Ele disse: “Semana que vem estou de volta, boba.”. Me beijou e foi pra casa. Foi a semana mais longa da minha vida. Como virou rotina ele viajar direto, pra eu não ficar sozinha, ele resolveu me levar junto. Eu adorei a ideia, íamos de carro e eu nem conseguia dormir de tanta ansiedade. Foi

minha primeira viagem, nunca tinha viajado pra fora do estado. Foi muito legal e eu comecei a ir junto toda vez que ele ia. Passei 2 anos morando ali na casa que ele alugou e resolvi me mudar pra mais perto da família.

O Paulo sempre esteve perto de mim: ele participava das festas da família, visitávamos meu familiares e os dele. Sim, um dia ele resolveu me apresentar pra mãe dele. Foi muito engraçado, pois no primeiro momento, ela me xingou, quis até me bater, mas quando estávamos indo embora, ela ligou e pediu pra me levar lá. Desci do carro com medo, é claro, grudada nele. Sua irmã e cunhado me receberam super bem, aí veio a mãe dele e disse: “Meu Deus, Paulo, que menina mais linda e ela é bem novinha pra ti, né?”. Caímos na risada, me abraçou e me pediu desculpas.

Teve uma vez que decidimos viajar sem rumo: eu, minha irmã, meu cunhado e o Paulo. Ele era parceiro pra tudo, sempre disposto. Então, fomos rumo ao Paraguai. Também fiz várias outras viagens de caminhão com ele pelo Rio Grande do Sul... Passei muitos momentos bons e também muitos ruins. Mas o tempo foi passando e acho que nossa felicidade começou a incomodar os outros e começaram a se meter em nossa relação, falando do tempo que estávamos juntos. Fazia 8 anos e as pessoas perguntavam se eu ia aceitar a viver assim sempre, então aquilo começou a mexer comigo. Coisa que antes nunca tinha feito diferença, estava fazendo.

Começaram as brigas. Ele, sem entender nada, só falava: “Eu nunca te escondi nada. Você sempre soube de tudo”. Mas, pra mim, não deu mais. Resolvi acabar tudo. Na verdade, não era um desejo meu, mas dos outros. Não sei porque me deixei levar na conversa se pra mim estava ótimo. Fiquei alguns dias sem procurá-lo, mas ele sempre pedia pra voltar. Dizia que me amava e eu acreditava: sentia que era verdadeiro. Então, ele teve a ideia de viajar só nós e eu aceitei, eu o amava mas estava pilhada de que merecia algo que ele não me daria.

Fomos pra Santa Catarina e foi tudo lindo. Ele foi carinhoso o tempo todo, mas tinha horas que eu me enfurecia porque tudo aquilo tinha prazo. Ficamos 5 dias ali conhecendo várias praias e depois fomos a São Paulo. Lá eu

realmente enlouqueci, porque queria vir embora. Ele só me perguntava: “Você adora viajar, porque está fazendo isso?”. Nem eu sabia, mas sei que incomodei tanto que ele teve que me trazer de volta. Coitado, hoje me arrependo muito do que fiz e de ter escutado as pessoas ao meu redor. Acredito que por mais que pessoas a sua volta querem o seu melhor, nem sempre elas sabem o que é melhor pra ti. Eu era feliz e de tanto me encherem fiz tudo errado.

Voltei pra casa ele me deixou chorando, pedi pra ele não me procurar mais enquanto estivesse casado. Passou alguns meses, conheci uma pessoa legal, mas não era o Paulo (que nunca deixou de me procurar). Esse cara era caminhoneiro e tinha um emprego em São Paulo, resolvi ir embora com ele. Fiquei 6 meses lá, fazendo mal pra nós dois porque ele me amava, mas eu amava o Paulo e não deixava de pensar nele por um minuto que seja. Tudo me fazia pensar nele, não aguentei mais e vim embora pra casa.

Conversando com minha irmã, ela me contou que ele foi por diversas vezes me procurar e chorava dizendo que me amava. Dizia que se ela dissesse onde eu estava, me buscaria e iria ficar só comigo. Ele procurou minha tia, prima e todos que podia pra me encontrar. Sabendo de tudo isso, fui, no outro dia, procurar o meu “veinho”. Ele estava bem chateado com tudo que havia acontecido, brigamos, choramos e ele não queria voltar. Tinha suas razões, mas eu não aceitava: disse que se não me desse uma chance me mataria e comecei a cortar meus pulsos com uma faca. Ele correu, me abraçou e pediu pra nunca mais fazer aquilo. Hoje vejo como fui egoísta: eu pude largar ele sem pensar, mas não admitia ele não me querer mais. Quando meu irmão morreu, ele estava junto de mim. Anos depois, tive depressão e ele procurou ajuda, sempre comigo, sempre cuidando de mim. Antes de tudo acontecer, nos tornamos amigos, parceiros.

Decidimos nos dar uma chance, ainda existia amor. Por 2 anos ficamos bem, fechando 10 anos juntos. Achei que estava na hora de ter um bebê, que seria nossa ligação eterna e ele concordou, mas pediu que esperasse mais um pouco. Queria acertar as coisas, mas eu parei com as pílulas porque achei que não seria tão rápido.

Véspera do meu aniversário, fomos pra praia e eu voltei grávida. Hoje temos nosso laço, Heloise, que é a cara dele, do jeitinho que sonhei. Ele permanece do nosso lado, nos amando e nós amando ele.

Paulo sempre será aquele amor que vou olhar pra trás e vou sentir aquela sensação boa, de que vivi os melhores momentos da minha vida, de que fui muito feliz e que eu também fiz muito bem a ele. Lhe dei carinho, escutei quando senti que precisava desabafar, fomos amigos um do outro e quantas coisas aprendemos.

Vou te amar eternamente, Meu anjo.

Batalha vencida

Elisângela Rodrigues do Prado



Com a chegada do meu segundo filho vieram momentos de total alegria, a família tinha aumentado, estávamos todos muito felizes, nossa rotina havia mudado um pouco, mas estava tudo perfeitamente normal. Mas, um dia após dar banho no Pedro, ao secar, eu notei uma “bolinha” em suas costas. Fiquei muito preocupada, pois isso não me parecia ser normal. Alguns dias depois ele tinha a consulta do segundo mês com a pediatra, então resolvi esperar até a consulta para ver o que poderia ser aquela tal “bolinha”. Chegou o dia da consulta, então falei para a Doutora que tinha notado alguma coisa estranha nas costinhas dele e que desde o dia em que eu tinha visto já havia aumentado de tamanho. Ela foi muito atenciosa e me disse que a princípio não era nada de grave, que iríamos acompanhar e ver como aquela “bolinha” reagiria no próximo mês.

Durante o mês que foi se passando até a próxima consulta, notei que estava aumentando ainda mais o tamanho. Retornando à consulta do terceiro mês, falei novamente para a Doutora que estava maior e que estava ficando bem mais preocupada com aquilo. Ela nos encaminhou para um médico dermatologista, que demorou em torno de três meses para a consulta. Quando chegamos lá o Doutor nem examinou ele... pelo que ele via, não era um caso dermatológico, porque não estava na pele e sim embaixo da pele.

Retornamos a pediatra dele que nos encaminhou para um médico cirurgião no Hospital Santo Antônio em Porto Alegre. Mais alguns longos meses de espera para a bendita consulta, e novamente, chegando lá, nos deparamos

com o descaso do médico que nos atendeu. Falou que não era caso de cirurgia, que era só ele tomar um remedinho e passar uma pomadinha que iria sumir.

Muito indignada, indaguei: ‘Como não é nada, o senhor nem olhou para ele, nem o examinou, somente olhou uma ecografia que fizemos!’. A tal “bolinha” já estava enorme que chegava a encher a minha mão, mas o doutor não quis fazer nada para nos ajudar. Saindo de lá totalmente indignada com o descaso médico, resolvi postar a minha indignação nas redes sociais, onde recebi total apoio dos meus amigos que, assim como eu, ficaram indignados.

Após a exposição, a madrinha do Pedro conseguiu conversar diretamente com os cirurgiões do Hospital Conceição, onde ela estava fazendo estágio da faculdade. Então, eles disseram para levar ele até a emergência do hospital para que eles pudessem dar uma olhada no Pedro, e se caso não fizessem nada novamente, que não era para sair de dentro do hospital, pois eles queriam examinar e ver o caso de perto. Felizmente, não foi preciso: quando estávamos no consultório, a pediatra já me disse que ele ficaria internado. Foram dez longos dias de internação, quando o Pedro passou por vários exames e cirurgias para ver o que ele realmente tinha.

No último dia de internação, veio a triste notícia. Aos sete meses veio o diagnóstico: “Câncer Maligno”. Meu mundo desabou naquele momento, não sabia o que fazer nem o que pensar, pois até então achava que essa doença iria levar o meu filho, que não teria cura e que ele não resistiria. Depois da notícia, tivemos alta e fomos para casa nos organizar e voltar dentro de uma semana para já dar início no tratamento.

Chegou o dia de iniciar o tratamento e eu somente pedia forças para Deus nos ajudar nessa jornada que enfrentaríamos a partir daquele dia.

O início foi muito difícil, ver o meu bebê com apenas sete meses de vida passando por tudo aquilo, cirurgia em cima de cirurgia, exame em cima de exame.

Então, se iniciou o primeiro ciclo de quimioterapia e, para a minha surpresa, ele não teve nenhuma reação. Sempre estava alegre e sorrindo. Em alguns dias de internação,

começamos a fazer amizades por ali. Ao saber que duas das crianças que estavam internadas tinham o mesmo tipo de câncer que o Pedro, fiquei ainda mais preocupada e muito triste, senti muito medo de perde-lo, porque não demorou muito uma das crianças veio a falecer e logo depois a outra. Foram momentos de muito questionamento: “Porque isso foi acontecer com meu filho, meu Deus?”.

Meses foram se passando, o primeiro ciclo de quimioterapia não estava fazendo o efeito esperado pelos médicos, então se iniciou um novo ciclo onde a quimio era bem mais forte. Com a nova quimioterapia veio os sintomas, a perda do cabelo, mas com a graça de Deus ele nunca se desanimou, continuava alegre, sorridente e bem gordinho, que foi daí que eu tirei forças para não desistir que logo tudo iria passar. Doía mais em mim do que nele, tinha momentos que não conseguia ficar perto... quando iniciava alguns exames, era muito difícil para mim.

Mais alguns meses foram se passando e o tratamento ainda não estava fazendo o efeito esperado. Os médicos, então, decidiram entrar em contato com um dos melhores cirurgiões do mundo, um professor da Universidade de Harvard. Ele examinou o tumor pela experiência científica e constatou que o tipo de tumor que Pedro tinha era raríssimo, com apenas três casos no mundo. Mas, com essa biopsia, tiramos um peso das costas, pois no exame foi confirmado que NÃO era Maligno e sim Benigno.

Enfim iríamos ficar mais em casa, o tratamento continuava, ele tinha que ir diariamente a um posto tomar vacina para aumentar a imunidade (porque a quimio deixou o corpinho dele mais sensível), mas só de não estar dentro de um hospital, já era um alívio.

Tínhamos várias consultas ainda. Como o diagnóstico foi benigno, a única coisa a se fazer era retirar o tumor. Mas, nem tudo foi alegria, logo depois veio a notícia ruim: com o descaso dos outros médicos, o tumor havia crescido muito e poderia estar envolvido em três costelas. Se estivesse, a retirada dos ossos afetaria no seu equilíbrio, mobilidade e ele nunca seria uma criança “normal” novamente.

Começou o meu desespero pela segunda vez... foram

muitos mais exames e um constou que, devido ao tamanho, ele perderia muitos músculos e, para repor esses músculos, ele precisaria colocar uma “tela” que o hospital fornecia. O problema era que ele teria de retirar e colocar outra de três em três meses. Com isso, os médicos começaram um “briga” com o hospital para conseguir uma “tela” em que ele não precisaria mais retirar.

Mais meses foram se passando, até que os médicos conseguiram a “tela” e marcaram a cirurgia. Pedro já tinha um ano e três meses de vida e enfim iria ser operado. A preocupação, o medo, o desespero já tomava conta de mim, pois não sabia o que poderia acontecer naquela sala de cirurgia.

Horas foram se passando e a cirurgia acabou: foi um sucesso, deu tudo certo. Ele não perdeu as costelas, os médicos fizeram apenas uma raspagem mantendo-as intactas. O tumor que os médicos negligenciavam dizendo que não era nada pesou 600g e já estava empurrando todos os órgãos dele, deslocando de seus lugares. Após a cirurgia, ele foi direto para UTI, onde ele iria ficar de quatro a cinco dias e mais uns três dias no quarto. Mas, com a graça de Deus, ele ficou apenas uma noite na UTI e dois dias no quarto e logo já teve alta.

Houve algumas complicações no pós cirúrgico que o levou novamente para a sala de cirurgia, mas deu tudo certo dentro do esperado.

Continuávamos com a nossa rotina de consultas com a equipe cirúrgica e com a oncologia. Estava tudo muito bem: a recuperação dele estava sendo maravilhosa, até que um dia, novamente após dar banho, vi uma pequena “bolinha” nas costinhas dele, bem em cima da cicatriz. Pensei: “meu Deus, de novo não!”. Logo levei ele para o hospital, onde os médicos disseram que poderia ser alguma cicatrização devido a cirurgia ter sido muito grande. Eu, descrente do que o médico falou, disse que não, que havia alguma coisa ali de novo.

Então, decidiram que ao invés de ficar esperando para ver como reagiria e por outros exames, fariam mais uma cirurgia. E foi constatado que realmente era o tumor que tinha voltado e que foi retirado uma margem bem gran-

de para não ter mais perigo de voltar.

Hoje com seus quatro anos, Pedro esta muitíssimo bem, lindo, alegre, saudável, curado, graças a Deus. Tenho muito que agradecer a equipe médica do Hospital Conceição de POA, pelo seu carinho, dedicação e esforço para com o Pedro. As enfermeiras, todas maravilhosas e muito atenciosas, a minha gratidão eterna por nos cuidar tão bem pelo breve período em que passamos nessa batalha.

Quando eu tinha 1 ano, minha mãe se separou do meu pai. Apesar de tudo, tínhamos uma vida muito boa, só que meu pai bebia muito e usava droga e batia em minha mãe. Minha mãe, com minha irmã nos braços, acabava deixando ela cair e eu em cima da cama acabava me queimando com cigarro. Minha mãe como sempre batalhadora e cansou disso tudo e resolveu ir embora. Pegou eu e minha Irmã, uma no colo e a outra nos braços, foi embora para casa da minha avó.

Minha mãe sempre fez as faxinas dela e sempre teve dinheiro guardado para caso precisasse. Só que quando ela se deu por conta, meu pai tinha gastado todo o dinheiro dela e ela pensou: como vou embora? Não tínhamos nem para passagem, mas mesmo assim foi seguindo o caminho da casa da minha avó.

Quando passava por uma obra, perguntou para o moço que estava na frente se tinha algo que ela pudesse fazer para pegar a lotação e ir embora. O homem deu uma risada e disse: "só se tu virar cimento", ela disse que podia ser e pediu para que o moço arrumasse um cantinho para deixar eu e minha irmã. Resumindo, ela terminou o cimento que o homem tinha pedido, pegou 10 reais para ir embora.

Chegando na casa de minha avó, ela chorando foi ajeitar as coisas e minha vó, sabendo de tudo, disse que tudo tinha acabado. Passou 2 anos, minha mãe batalhou e fez uma casa nos fundos dela. Naquela época, conheceu meu padrasto. Passou-se mais uns 4 meses, quando meu pai se deu por conta que minha mãe não voltaria, ele foi atrás dela. Quando a encontrou, disse que se ela não voltasse para casa bateria nela. Meu padrasto viu aquela cena e revoltado disse nunca mais ele encostaria um dedo na minha mãe.

A partir dali minha mãe teve uma vida diferente, tendo alguém para lhe ajudar a entender quando fosse preciso. Minha avó por parte do meu pai pediu que minha mãe en-

tregasse eu e minha irmã para ela, dizendo que ela não teria condições de nos criar e em algum momento nos daria para alguém. Minha mãe e meu padrasto, revoltados com o que ela disse, falaram para que se ela quisesse, pegaria nos finais de semana, e nada mais.

Minha avó aceitou e ficaram tudo de bem. Chegando finais de semana, minha avó veio nos buscar, só que minha mãe só deixou eu ir porque minha irmã ainda era bebê.

Como minha vó saía cedo para trabalhar, deixou eu e meu pai dormindo. Meu pai me acordou e disse que íamos numa pracinha e eu (chorando) fui. No caminho, passou em um bar e pegou uma garrafa de cachaça (e eu achei que era água). Quando caminhando perto de uma parada, ele ali deitou e eu com medo fiquei chorando. A polícia passou e viu aquela cena e nos levou.

Resumindo, fiquei num orfanato por 1 mês, sem ver minha mãe e todo mundo achava que eu não tinha família. Minha mãe sentiu que algo não estava bem e ligou para minha vó para saber se eu estava bem. Minha avó apavorada dizia que eu estava bem e sempre inventava algo para que minha mãe não pudesse falar comigo.

Minha mãe foi com a polícia até a casa da minha vó e eu ainda não tinha aparecido. Meu pai estava preso e eu num orfanato. Enfim, passou 1 mês e me acharam. Eu estava totalmente apavorada, não via minha mãe há tempos e aquilo para mim parecia que nunca acabava. Eu pensava que nunca mais eu ia ver minha mãe. Hoje estou com 20 anos, trabalho, estudo tenho mais duas irmãs que são minhas paixões e um padrasto incrível que amo. Minha mãe é minha vida, ela é tudo que tenho e hoje sou quem sou graças a ela.

Agradeço a deus por ter me presenteado com uma família incrível e uma saúde imensa. E por ter mais uma oportunidade de traçar meu futuro diferente do meu passado.



São 4 horas da tarde, vejo pontuações para minha direção numa de terça-feira, quando um colega de serviço vem até mim:

- O RH quer falar com você!

- Meu Deus! Toma conta...

Ao chegar no escritório da empresa:

Telefone para você!

Pego o telefone:

-ALÔ!

É meu irmão:

- Negão, a Luana foi as pressas ao hospital, chegou a hora.

Uma infinidade de pensamentos, um turbilhão de sentimentos.

- Está ok.

Pego liberação, desejam sorte. Lá vou.

Chego ao hospital 5 horas e espera isso e espera aquilo. Era dia 14/02/2017. Após 41 semanas e 3 dias, não valeu nada o que eu vi, o que tracei, o que planejei ou o que sonhei, o que julgava certo ou errado. Quando naquele segundo, com toda sua força de vontade de viver, escuto seu choro: Era Ruan Bernardo, meu filho!

Quando peguei ele no colo e vi aqueles olhinhos, não sabia no que pensar, apenas senti uma emoção muito grande. Ali descobri o que é o amor de verdade. Saber que aquele moleque tão pequenino, que iria depender de mim ter que ensinar o certo e errado. O tempo não passou, voou. Hoje ele já está com Iano 7 meses.

Todos dias chegar em casa e ver alguém me chamando de papai, até mesmo chorando, quando eu não estiver para proteger, dar um colo, cantar para dormir, ou dançar que

é algo que ele adora fazer. Não planejei nada disso, mas só quem já vivenciou sabe o que é, a emoção que dá ser pai!

A morte de Paca

Janete Carmen Gonçalves

De repente, ouço vozes que vem do quarto: então, na ponta dos pés, me dirijo até o corredor e fico tentando decifrar as palavras soltas da minha filha. Entre uma e outra, consigo identificar que está conversando com alguém, tento me aproximar e faço perguntas, mas a tentativa de obter alguma resposta é em vão. Ela desconversa e diz que não é nada.

Os dias vão passando e essas conversas vão se tornando mais e mais frequente. Depois de muito observá-la, consigo identificar que ela conversa com uma tal de “Paca”. Então, me pergunto: Quem será: Um bicho? Uma pessoa? Começo, com mais atenção, a observá-la, e em uma dessas conversas consigo descobrir que “Paca” é uma amiguinha imaginária com quem ela passa hora conversando.

Um belo dia, depois de tomar banho, já estava de pijama indo se deitar, quando ouço vozes e a porta se abre. Saio para ver quem é e me surpreendo com ela conversando com tal Paca, pergunto: “Quem é filha?” E ela responde. “Paca, mãe.” Eu então questiono: “O que ela quer?”. Ela responde: “Nada, mãe. Já está indo embora.” Fomos dormir e por vários dias essa história entrou no esquecimento. Mas, quando menos esperei, eis que Paca ressurgiu. Era meio dia e eu e mais sua irmã e seu irmão mais velho estávamos na mesa almoçando, quando de repente ela se levanta e vai até a porta e começa a conversar...

Então pergunto: “Pollyana, com quem está conversando?” E ela responde: “A Paca, mãe, quer almoçar conosco”. Eis que um silêncio paira entre nós e olhares confusos se cruzam, então dou asas para sua imaginação: “Então, minha filha, peça para ela entrar e almoçar conosco...” Ela sorri para mim e fala baixinho: “Paca, entra”!

Então puxamos a cadeira e a Paca senta do lado do irmão mais velho. O silêncio é total. Todos se perguntam: o que será que vai acontecer...

É quando, num ato súbito, o irmão dela pega uma faca, se levanta e grita: “Vou matar a Paca”. E começa a fazer movimentos como se estivesse esfaqueando alguém. Então ela olha para a irmão com sorriso malicioso e tudo acaba em grandes gargalhadas...

Até hoje nunca mais ouvimos falar na Paca.



Estávamos sempre juntos, eu e ele, vivíamos como crianças normais. Nosso cotidiano era brincar de correr, de esconde-esconde, de jogar bola, mas o que mais gostávamos era de brincar em cima da árvore onde fizemos uma casa.

Sempre notei que ele era uma criança diferente das outras. Não sei explicar, mas era notório para quem o conhecia. Era uma criança alegre, raramente ficava triste. Fazia muitas amizades, parecia que todos eram seus amigos.

Tinha um olhar da vida muito além da sua idade. Lembro de quando um acontecimento se fez, um acidente de uma banda muito famosa na época, chamada Mamonas assassinas. Ele ficou arrasado com aquele fato e comentava porque tinha acontecido aquilo com eles e porque morreram. Na vida, há fatos que não tem explicação, mas ele agia como se todo dia fosse o último de sua vida.

Em um dia como outro qualquer, caminhávamos na rua, estávamos voltando da escola. Então, ele comentou: estou com falta de ar e estou com uma dor na costela. Minha mãe levou ele para o posto de saúde onde foi medicado e depois foi encaminhado de ambulância para um hospital da capital, pois morávamos em uma cidade litorânea. Não pude ver ele no hospital, pois os médicos acharam melhor, por causa do risco de contágio.

Ele nunca mais voltou para casa. Essa história é minha e de meu irmão, Lucian.

Mãe especial do Kauê Gustavo

Lidiane de Moura dos Santos



...Dia 24 de dezembro ele irá completar 6 anos de idade, mas não tem a menor ideia do que é idade e de quantos anos ele tem, mas ele está muito mais animado me mostrando que já conhece os números e as letras do alfabeto.

E foi assim...

Quando eu pensava que não era, tive que aceitar que era e aprender a te amar mesmo assim.

Nos momentos difíceis eu me desesperava, mas você sorria.

A vida para você é como um circo

onde o importante é se divertir.

Mesmo sem falar, me ensinou o diálogo.

Você é um guerreiro!

Fez de mim mulher forte e vencedora.

Feliz da pessoa que olha para você ao invés de olhar a sua deficiência.

Onde te julgam coitado, você se faz vencedor.

Você é único e grandioso!

...ser mãe especial é querer acreditar que nada acontece por acaso. É acreditar que a chegada de um filho especial acontece porque alguém quis fazer de nós pessoas melhores, capazes de valorizar as coisas mais simples da vida. É saber que especial somos nós que ganhamos de presente o amor mais puro e sincero que existe.

Lizélia Gonçalves Gomes



Num lindo final de tarde de sexta-feira, eu, meu pai e meu irmão estávamos indo para casa, tínhamos passado o dia com minha vó. De repente, me deparei com uma arma apontada para meu pai, que estava com meu irmão no pescoço. O homem que o apontava a arma era o dindo do meu irmão. Uma cena que jamais o esquecerei.

Naquele dia não passou de uma ameaça... mas, passaram-se cinco anos de intimidações contra meu pai. Tudo começou por causa de terras que meu pai ganhou para plantar e cuidar. Seu patrão tinha

falecido e os filhos deixaram nas mãos do meu pai, pois confiavam nele e sabiam que cuidaria bem.

Minha vó também tinha passado as terras dela para ele, na qual ele construiu uma casa que ele tanto sonhava. Fazia um mês que José estava morando na casa nova, num sábado ensolarado às dez horas, ele saiu para olhar as lavou-ras. Como estava sendo ameaçado, colocou seu revolver na cintura e foi. Chegando lá, de longe avistou Juarez, se aproximou e começaram a discutir:

Juarez, falou que era o fim de José e puxou o revolver, então ele se jogou para traz de uma árvore e também pegou sua arma. Juarez errou, mas José acertou. Sem sentir, descarregou o revolver, matando-o. Logo em seguida a esposa de Juarez chegou no local correndo desesperada, pois ela viu ele pegar a arma e sair, dizendo a ela que não voltaria naquele dia. Ela desconfiada foi atrás.

José se escondeu por vinte e quatro horas e se apresentou numa delegacia. Como ele matou em legítima defesa,

não pegou advogado. Pensou que só sua palavra bastava. Foi preso no ato. Então, minha tia pegou um cara que se dizia ser advogado, mas era fraude. Após um mês, meu pai foi libertado e ficou correndo o processo. Após três anos, teve a audiência e novamente José foi preso. O dito advogado pegou o dinheiro e sumiu.

Foi decretado nove anos de prisão pra José. Minha mãe entrou em depressão, meu irmão tinha doze anos e o outro um aninho. Eu já estava casada, morava aqui em São Leopoldo. Minha mãe ficou com vários problemas de saúde, toma vários tipos de remédios até hoje. Meu irmão de doze anos que cuidou deles, porque eu não tinha condições nem para mim. Passaram trabalho e necessidade, minha mãe fala de uma cena até hoje, que meu irmão saiu para pedir pão na padaria. Chegou em casa e entregou a ela e disse que ele não ia deixar eles morrer de fome.

Hoje meu pai já foi solto, mas sua vida não é mais a mesma. Ele fala que aquela imagem de seu compadre caído no chão agonizando não sai da sua memória, sem contar no presídio, tudo o que ele vivenciou nestes nove anos. Perderam tudo o que tinham...meu irmãozinho cresceu revoltado, foram nove anos sem pai.

Será que valeu apenas ele ficar com as terras? Se tivesse devolvido quando percebeu que ia só ter problemas e ficando só com as de minha vó, poderia talvez, ter sido diferente. E seu compadre? Adiantou querer ser valente, ganancioso? Veja onde ele foi parar. Nunca haja por impulso, reflita, pense bem antes de tomar qualquer atitude. Num segundo tua história pode mudar, sonhos podem ser destruídos num piscar de olhos e famílias corrompidas pela dor. A vida é uma dádiva de Deus. pense nisto e viva intensamente com amor por si e pelo próximo.

Minha história começa aos 16 anos quando ainda era menina. Sempre quis fazer uma faculdade, curso superior, e me formar, mas nunca dava, pois vivíamos apertados. Morávamos na cidade natal de minha mãe, fronteira com Uruguai. Foi lá que concluí o ensino médio e bateu aquele desespero: o que fazer? Era a pergunta que me fazia.

Meu pai, já aposentado, estava juntado uns trocados para minha universidade, mas as dificuldades sempre surgiam. Foi quando ele adoeceu e todo o dinheiro que ele queria investir em meus estudos foi pra sua recuperação. Decidida a sair daquela cidade pequena, já que o trabalho era escasso e não havia muitos recursos, fui para Canoas. Morei com alguns irmãos mais velhos na tentativa de conseguir emprego ou talvez um curso profissionalizante.

Foram muitas as tentativas, algumas davam certo, outras não. As coisas não foram muito fáceis pra mim como imaginei. No início, não tinha com quem contar, ninguém pra me orientar. Então, comecei a fazer por mim mesma, me decepcionei com algumas pessoas, me iludi com outras, mas consegui meu primeiro emprego. Não era no que eu gostava, enfim tinha que seguir em frente: chorar e reclamar da vida não iria me ajudar.

Um ano depois meus pais também voltaram pra Canoas, por conta da saúde dele. Neste mesmo ano, conheci meu esposo e casamos. Isso também era um outro desejo do meu pai: me levar ao altar. Recuperando-se de um câncer no pulmão, ele ainda conseguiu me conduzir diante a igreja, conheceu meu primeiro bebê pegando no colo com muita emoção, mas faleceu três anos depois.

Foi tudo se transformando em minha vida com a vinda dos meus bebês. Era só alegria e felicidade em tê-los, mas também vieram as dificuldades. Moramos por alguns anos em São Leopoldo entre “trancos e barrancos” em casa de parentes. Decidimos então sair de lá e viemos pra Sapucaia.

Então, com a vida nova nesta cidade, com intuito de sempre melhorar, consegui um emprego no mercado de operadora de caixa.

Meu marido também trabalhava duro e muitas vezes viajava pra longe vendendo artigos de informática para empresas e lojas. Eu não tinha com quem deixar minhas crianças, muitas vezes me vi obrigada a deixá-los sozinhos fechados em casa pra trabalhar. Eu saía as 13hs e retornava meia noite. Eu fazia almoço, deixava tudo pronto pra eles, mas saía de coração partido com lágrimas nos olhos quando minha menina dizia: “Não vai, mamãe, por favor. Eu não quero ficar só eu e o mano”. Não tinha o que fazer, eu precisava trabalhar e só com salário do meu marido não bastava. Também queria dar as coisas que as crianças queriam e precisavam. Minha mãe sempre foi meu porto seguro, sempre está comigo nos momentos bons e difíceis da minha vida, dando força e rezando pelos meus filhos.

Algum tempo depois, sai do emprego pra cuidar e me dedicar mais as crianças, até porque as coisas já estavam se erguendo e melhorando. Comecei então a fazer alguns cursos e tentar o vestibular. Elas já estavam mais crescidas e eu estava mais ou menos caminho andado pra algo profissional. Então, descobrir que estava grávida da minha caçula. Foi tenso, foi aterrorizante pra mim: eu pensava nas coisas mais negativas naqueles três meses de gestação, era só rejeição porque nessa fase eu estava cheia de projetos em mente e isso iria só me atrapalhar e, para piorar, meu casamento também não estava em uma fase boa.

Mas, a medida que a barriga ia se desenvolvendo, crescendo e minha mãe conversava comigo, fui aceitando a gestação e pedindo perdão a Deus por toda e imensas bobagens que falei, o que eu não percebia é que este bebê estava só unindo nossa família. Hoje ela é minha” estrelinha” (Sthella) que veio brilhar nossas vidas. Depois que ela chegou, conquistei minha casa própria. Estou seguindo meu sonho de me formar em Técnico em Administração no IF-SUL, que surgiu na minha vida como coisa de Deus, bem no momento em que estava frustrada profissionalmente.

Que pena meu velho pai não estar mais aqui pra me

ver formada de tolga e tudo mais. Mas sei que onde ele estiver, ele há de me ver brilhar e realizar o nosso sonho. Espero que concluindo este curso eu consiga me encaixar no mercado de trabalho realizando todos os meus sonhos que ficaram lá atrás quando eu era só uma adolescente.

Minha família, minha maior bênção

Magda Cristina Mariano do Nascimento



Já passei por muita coisa nessa vida. Mas, ter sido mãe solteira foi barra pesada, mais do que isso, foi um divisor de águas na minha vida. Minha filha, Danielly, tão pequena e indefesa, dependendo somente de mim. Foi um choque para mim quando me vi sozinha, na jornada de criá-la. No início, eu não tinha noção de como conseguiria cuidar dela sozinha e consequentemente me achar naquele turbilhão de emoções.

Nossa, passei por tantas coisas difíceis...principalmente por não ter tido o apoio da minha família, pelo contrário, eles só sabiam me criticar, sofri muito mesmo. Mas, graças a Deus, que nunca me desamparou, meu sofrimento terminou quando conheci uma pessoa muito especial, meu esposo Marcelo, o amor da minha vida. Ele assumiu minha filha como pai de coração e também registrou ela. Hoje temos outro filho, chamado Lucas, e meu esposo trata os dois igualmente e isso me enche de alegria.

Ter sido mãe solteira foi muito difícil, naquele momento eu não estava pronta para sofrer uma mudança dessas na minha vida, para uma responsabilidade tão grande. Mesmo assim, hoje com certeza posso dizer que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, pois ter tido a minha filha foi um presente de Deus que me mudou completamente. Eu era muito diferente, só queria saber de festa, não queria saber de nada, enfim aprendi a ser uma pessoa melhor, responsável.

Sou muito feliz com a família que Deus me deu, com certeza a minha família é o meu porto seguro, é tudo para mim, é a minha maior bênção de Deus.

Maria Regina Leal



Uma menina vinda do interior da cidade de Sobradinho chegou na capital de Porto Alegre na década de 1986. Kissy tomou seu destino até o município de Cachoeirinha: vila

Nair, esse seria o local onde ela e sua família iriam morar. Chegando na cidade, um casebre de Madeirit foi dito que seria seu lar. Kissy não entendia muito bem a real situação, o importante era estar junto a sua família.

Fogo de chão em um borralho era o que aquecia as noites frias de inverno e o banho de mangueira com água clandestina refrescava aos dias quentes de verão intenso. Tudo era muito escasso, muita dificuldade financeira, isso deixaria a menina um pouco triste. Na escola, na hora da refeição, era uma explosão de “oba! Comida”, com um sentimento de que em casa não era sempre assim, como diz o MC Racionais: ” quem é feliz vendo seu filho crescer no berço da miséria?”.

Kissy tinha duas referências familiares que a inspiravam: seus dois cunhados, na época, policiais. A menina cresceu e atingiu a pré-adolescência e como não poderia ser diferente, seus amigos são os mesmos criado na comunidade e são temidos pela sociedade. Então, começou uma caminhada para o desconhecido: aos 12 anos, seu primeiro contato direto com a violência.

Com uma arma 380 automática em mãos, seus sonhos já não eram mais os mesmos. Via os olhares temerosos de quem observava a cena, percebeu que aquele mundo lhe traria status sendo uma moleca, ganhou “respeito” na comunidade e passou a ser considerada nesse mundo obscuro: tudo para a menina era normal, viver em meio a adrenalina,

drogas, armas, pequenos roubos, violência, crime, isso nada intimidava.

A menina, aprendeu que o medo não podia ser seu aliado. Seus pais vindo do interior não percebiam o tamanho do problema, na verdade nem tinham conhecimento das amizades da sua filha (GIN0) sigla usada pelos componentes, passou a ser o foco de Kissy. A menina passou a acreditar que era vítima do sistema injusto que não deu a ela a oportunidade de escolha de vida. Seu sonho de ser PM já não existia mais. Kissy casou-se aos 13 anos com um rapaz muito mais perturbado que ela. Curtição era seu lazer

Mas, essa vida tem altos preço, seus melhores amigos começaram a ser assassinado ou presos. Nesse período, a menina tornou-se mãe aos 14 anos e percebeu que não poderia continuar na correria. A menina já tinha sua casa com mais conforto, as coisas já não eram como antes, mas não tinha paz. Aos 17 anos, mãe pela segunda vez. Aos 23 anos, mudou-se de cidade almejando uma nova vida. Aos 27 anos, aprendeu a sabedoria que vem do exercer a fé e sua vida começou a ter um novo rumo.

Hoje seu filho primogênito tem mais 22 anos, tornou-se um grande homem de bem com caráter e já conquistou vários ofícios de formação educacional, para alegria da sua mãe. O filho mais moço ainda é um moleque, trabalha no Ministério público de sua cidade e seu esposo hoje é um pai maravilhoso, amigo, companheiro, homem de paz e do bem.

Kissy morreu aos 27 anos e nasceu uma nova mulher, hoje estudante do IFSul, cursando o técnico de administração. Essa história é real faz parte da minha Biografia de vida. Me chamo Maria Regina eu tive uma nova chance.

Melina Rohers Pinheiro

Acredito que nesse mundão louco já estamos predeterminados a certas situações, pessoas e inúmeras provações. Bom, não diferente de outras pessoas, tenho minhas batalhas (e por vezes acho que Deus pensa que sou o Rambo). Mas, o meu diferencial é a família que tenho, um super time feminino de sete mulheres: minha mãe (a Alfa), minha irmã, Roberta (a dengosa), Juliana (a fortaleza), minhas filhas, Rafaela (frágil e linda) e Betina (linda e super segura) e por fim Valentina, minha sobrinha (nosso baby).

Tive uma criação onde família é algo precioso de valor inigualável e de fato aprendemos em isso, vivemos cada uma sua vida, mas estamos sempre ligadas e juntas. Orgulho-me muito disso, pois hoje em dia está cada vez mais raro. Eu sou uma criatura apaixonada por cada uma delas, não que algumas vezes não nos desentendemos (e acredite, o “bicho pega”), mas sempre nos acertamos e acaba tudo em boas gargalhadas ou belas choradeiras, somos malucas de coração gigante, leas com nossas crias, ensinamento de mamis.

Eis que então vou deixar meu testemunho aqui neste texto: tive uma grande dificuldade em expressar e externar esse sentimento e relação que vivo, acredito que por ser algo tão precioso, valioso, intenso e lindo, tudo que escrevo parece vago e pequeno. Queria mais do que tudo fazer entender a importância desse nosso amor em família, mas não esse só de redes sociais e sim aquele amor que nos dias mais cruéis de sua vida você saiba que tem com quem conta, quando sua casa “desmorona” e aquela sensação de desespero e tristeza te abraça e quer te devorar, você sempre vai ter aqueles seres para te acarinhar e socorrer.

Meu bom Deus me abençoou com essas super mulheres e a cada dia que passa agradeço por cada uma delas existir. Gratidão é um dos sentimentos que me define, por muito mais dias felizes, loucos e inesquecíveis com essa minha tribo. E que esse nosso amor se estenda por gerações!

Desejo para “nozes” todo amor, alegria, saúde, risada (de quase fazer xixi nas calças), paciência (para nos aturarmos nas TPMS) e sempre essa união maravilhosa que existe entre nós.

Eu poderia escrever sobre qualquer momento. Qualquer coisa que aconteceu na minha vida, mas não sou uma pessoa que pense muito no passado, ou que fique olhando para ele constantemente (a não ser para não cometer os mesmos erros). Por isso, prefiro escrever sobre o momento de agora, aquilo que tanto rejeitamos ao pensar nesta fase da vida, o incrível “presente”. Até porque já dizia a minha vó: - “o futuro, a Deus pertence”.

O meu maior sonho é ser mãe. Meu corpo foi feito para isso: gerar uma criança, passar pelos nove meses com graça e leveza, com aquela luz que todos dizem que as mulheres grávidas possuem. Mas, eu descobri algo muito curioso sobre isso: meu corpo não corresponde a estas expectativas. Segundo alguns médicos, possuo prazo de validade. Calma, vou explicar: aquilo que deveria ser o natural, o “normal”, não acontece, pois nasci com problemas nos ovários, ou seja, o espermatozoide não vai encontrar nadinha quando adentrar o meu corpo, por que eu mal produzo óvulos.

Se nesse momento do texto você está sentindo pena de mim, pare agora! Não estou aqui para isso. O meu relato é para que você entenda que se estiver na minha situação, não se sinta mal. Eu já chorei, já me culpei, já senti inveja e posso garantir que isso só faz mal. Aí você olha para o lado e todas começam a engravidar, suas amigas tem bebês lindos e você fica só olhando. Na roda, os assuntos são só sobre as crianças. Reuniões de família e as mais velhas ficam te olhando como se você fosse um ET por não ter dado ainda um neto, bisneto ou o que for. Se você já passou por isso, me entende.

Mas eu parei e pensei: porque eu preciso ser triste por isso? Vamos pensar juntas! Toda a gravidez é linda? Tudo é tão maravilhoso? Eu digo que não. Você pode até discordar, mas quantas mulheres engravidam por aí e quase colocam o estômago para fora todas as manhãs durante os

3 primeiros meses? Quantas gastam horrores em cremes e óleos e academias para não ficar com o corpo diferente? Ou até pior, quantas morrem após um parto de 12 horas? Não estou banalizando nada.

Aprendi que existem mulheres para tudo. Somos feitas com propósitos. O meu é ser mãe, eu tenho certeza disso, mas ser mãe de uma criança que não irá nascer de minha barriga e sim do meu coração. Eu me considero uma mulher forte e inteligente e quero dizer com isso que, sim, optei por não gastar mais de 10 mil reais em cada tentativa, esperar mais de 5 anos no SUS ou até mesmo, caso engravide por meios convencionais, poderia deixar uma criança órfã.

Meu sonho vai ser realizado, pois vou adotar. Seja um menino, menina ou os dois. Seja bebê, criança ou pré-adolescente. Eu vou ter filhos. Eu vou economizar dinheiro e sofrimento e esbanjar amor, afeto e abraços. Colos e beijos na minha casa serão distribuídos com abundância que nenhuma pessoa na face da terra irá jamais duvidar que as crianças que receberão são os meus filhos. O meu coração os terá escolhido e não duvide que eles também terão que me escolher. E até lá eu irei num abrigo e darei todo o amor que guardo em mim para todas as crianças que ainda não foram adotadas, pois como diziam os pensadores: “ o mundo só precisa de amor”.

Renato De Souza Pinho



Aprendi que quando acreditamos que é o fim, basta acrescentar uma vírgula. Foi num momento de muita tristeza, que minha vida tomou rumos diferente. Minha profissão era viver na estrada, a mesma de meu tio (meu segundo pai). Éramos caminhoneiros e foi num dia que eu estava no estado do Paraná, na cidade de Curitiba, já programado para voltar para casa, que tudo aconteceu.

Nessa viagem nós iríamos nos cruzar na estrada, por isso programamos de tomar um café onde possivelmente eu lhe encontraria. Mas, infelizmente essa ida era sem volta, numa curva da estrada naquele trajeto da BR 101, no KM 47, um acidente fatal levou meu tio. Esse episódio me fez refletir que nossa vida é um sopro e nesse sentido ela se desfaz rapidamente.

Foi a partir daí que passei a pensar mais na minha família que a cada viagem que eu saía, ficava a pergunta “será que volta?”. Então, por motivos de saúde, por ter abalado bastante meu psicológico, tive que optar por parar de viajar. Mas onde eu achei que seria que era o fim de tudo, na verdade foi o começo de muitas coisas boas.

Voltei a estudar e me inscrevi para estudar no IFSul, era um sonho ingressar nessa escola e com sucesso lá estava eu realizando meu sonho, porque fui classificado para cursar técnico de Administração. E as coisa boas não pararam por aí. No IFSul, conquistei muitas amizades e passei a ter como minha segunda família. Hoje, já no quarto semestre posso dizer que as coisas boas mais aconteceram.

Fomos fazer uma saída de campo, para as Missões, e nessa viagem a coisa do coração mudou, porque foi nessa ocasião que encontrei minha alma gêmea. Nunca imaginei que ela estava ali quase sempre pertinho de mim, estudava na sala em frente, na 2F. Mas por ocasião do destino acredito que foi o momento perfeito que Deus reservou para nós. Então conheci a Jucelaine, uma menina de um sorriso encantador que passou a me encantar a cada dia e me trazer a paz que eu tanto procurava. Passamos a ser um casal perfeito, cheio de sonhos e objetivos. Hoje estamos de mãos dadas caminhando lado a lado, nem um passo à frente ou atrás, mas sim os dois na mesma caminhada, na mesma sintonia e na mesma direção. Sempre agradeço a Deus pelo presentinho que ganhei no IFSul.

Hoje estamos em busca da conclusão do nosso curso e focados nos objetivos e na mais perfeita felicidade, unidos no amor. Acredito que nada na vida da gente é por acaso e aprendi a usar uma vírgula ao invés de pontos finais, pois basta acreditar e nunca perde a fé.

Quarteto fantástico

Ricardo Freitas dos Santos



Já cedo na minha caminhada aprendi a viver longe de quem amo. Alguns, como meu Pai, guardo seus sorrisos na lembrança. Hoje, morando em Porto Alegre, passo a semana contando os dias para ficar com meus filhos. “Os manos”, como são conhecidos os meus bebês gêmeos, estão com quatro anos e moram em Sapucaia do Sul. É difícil falar

sobre eles e não me emocionar, pedacinhos do meu ser.

Momentos de colo, cuidado, olha aí e o atentar-se não pode esquecer. Os manos grandes, como os bebês chamam seus irmãos, reunidos, são meu Quarteto Fantástico. Lembro como se fosse hoje a Barbara e o Alexandre, manos grande como o Arthur e o Augusto, os bebês, da primeira foto que tiramos juntos, foi aí que tive a ideia de chamá-los de Quarteto Fantástico.

Sei como é difícil para as mães solteiras a dupla jornada que começa antes dos filhos acordarem e termina bem depois deles dormirem, mas também queria que todos soubessem como fica o coração de um Pai que no domingo se despede dos seus filhos com os olhos lacrimejados na despedida e novamente fica a semana contando os dias para estar com seus filhos amados.

Saudosa Maria

Shaiene Daltoé



Maria Ana é o nome dela,
podia não ser a mais bela,
mas com certeza
mulher de despertar olhares
de admiração,
não sei se pela coragem e força
ou tamanho coração.

Sempre ouvi que ninguém
saía
da sua casa de barriga vazia.
Saudosa Maria,
que tudo sabia,

que tudo entendia.

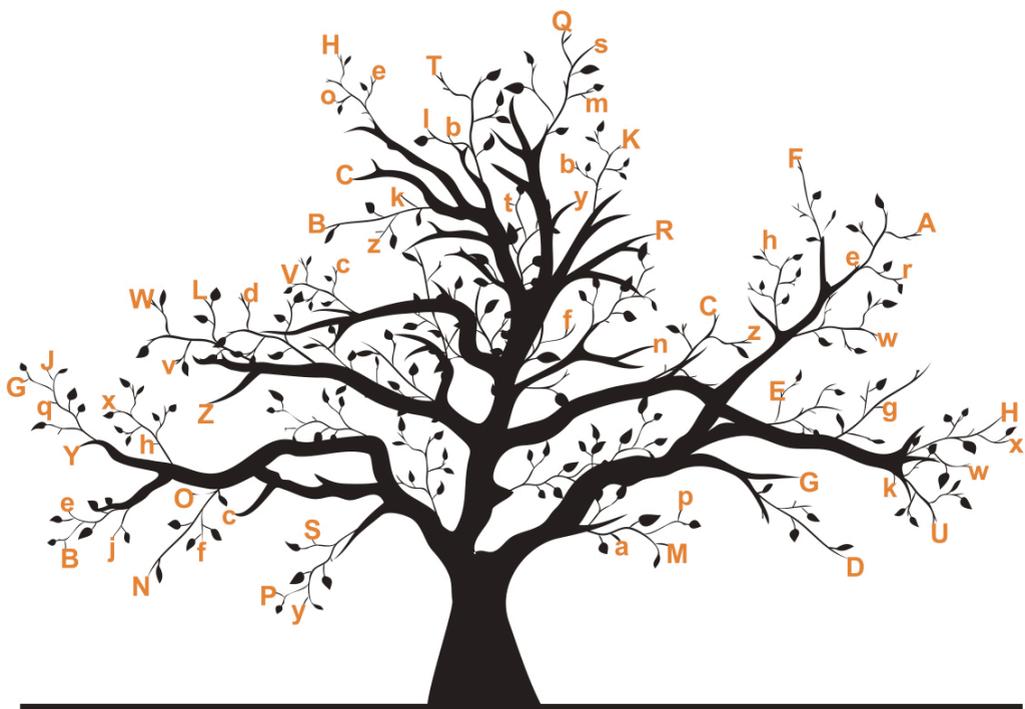
Mulher forte trabalhadora da roça,
não se incomodava com o peso da inchada.
Mesmo que às vezes cansada
de debulhar e colher o milho,
cuidava de 11 filhos
e enchia de amor seu lar!

Corajosa, de sobrenome trabalho
não deixava que pisassem em seu calo.
Punha-se sempre a retrucar:
mulher tem que trabalhar
se por no seu lugar.

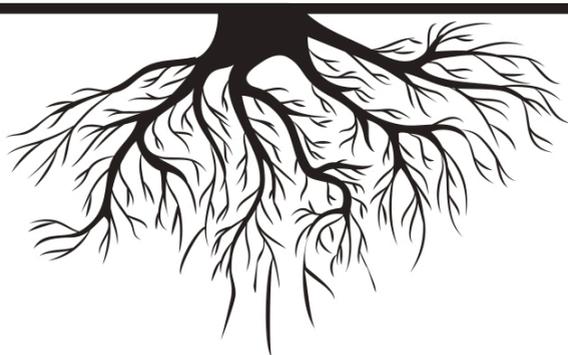
Cresci cheia de orgulho
com aquela mulher que fazia barulho.
Com influência dela,
cedo fui trabalhar.
Depois de anos decidi voltar a estudar.

Um dia um homem me disse cheio de pompa:

“Antes que me interrompa,
mulher não deve opinar.”
Calci-me, plena e bela,
lembrei do rosto e sorriso dela
falando: “O sisi va la!”



Enaltecer histórias de estudantes do PROEJA, através de suas próprias palavras, é também ilustrar o quanto a educação pode ser um exercício de empoderamento e fortalecimento das classes populares. Histórias que merecem ser contadas convidou estudantes da turma 4F do curso Técnico em Administração do Câmpus Sapucaia do IF Sul, a narrar acontecimentos relevantes de suas vidas, e agora também te convida a mergulhar e viajar por esses textos e experiências.



Realização:



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração